

02.

Novo-com-tradição: O encontro entre o Design e o Ciclo do Linho em Castelões

*New with tradition:
the encounter between Design
and the Linen Cycle in Castelões*

Cristiane Schifelbein de Menezes
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
cristianemenezes@ua.pt

Nuno Dias
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
ndias@ua.pt

Abhishek Chatterjee
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
abhi@ua.pt

Vasco Branco
ID+, DeCA, Universidade de Aveiro
vasco.branco@ua.pt

O *Ciclo do Linho* é uma tradição artesanal milenar, praticamente extinta em Portugal, que ainda se encontra viva na região da serra do Caramulo, Tondela, graças às habilidosas mãos das artesãs da associação AmaCastelões.

Este artigo descreve a fase de observação participante na AmaCastelões inscrita numa investigação em design. Atualmente, a investigação concentra-se na identificação dos atributos e das especialidades do design que poderão contribuir para um projeto de valorização, através da ressignificação, do patrimônio material e imaterial relacionado com o Ciclo do Linho de Castelões. Neste contexto, reflete-se sobre a ideia de "novo-com-tradição" enquanto vetor axiológico desse projeto, na perspectiva do design no território.

Discutem-se os resultados inspirados numa abordagem fenomenológica, ontológica, autoetnográfica e hermenêutica que designamos "design centrado-no-ser". Para esta abordagem, a inovação pelo design não implica romper com a tradição, mas pode e deve emergir, enquanto "novo-com-tradição", de uma "fusão de horizontes" entre participantes, através de um diálogo hermenêutico intergeracional, conectando o passado ao futuro no sentido de nutrir um presente fértil.

Palavras-chave investigação em design, ciclo do linho, novo-com-tradição, design centrado-no-ser, sustentabilidade cultural.

The Cycle of Linen is an ancient tradition of linen making in Portugal that is practically extinct but which survives in the Caramulo mountain range, thanks to the skill and resilience of the artisans of the AmaCastelões association.

This article describes the participant observation phase of a doctoral research project in design which focuses on identifying specialities and specificities that could contribute further to the valorisation of the craft through the re-signification of its tangible and intangible heritage. In this context, we reflect on the notion of "new-with-tradition", as an axiological vector of this project, from the perspective of design and territory.

We discuss emerging results inspired by a phenomenological, ontological, hermeneutic, and autoethnographic approach to mediation following the principles of "Being-Centered Design". Within this approach, innovation by design does not imply breaking with tradition. However, it can and should emerge, as a consequence of "new-with-tradition", from a "fusion of horizons" among participants – through an intergenerational hermeneutic dialogue connecting the past to the future to nurture a fertile present.

Keywords design research, linen cycle, new with tradition, being-centered design, cultural sustainability.

1. Introdução

1.1. Novo-com-tradição

Este artigo apresenta os resultados iniciais de um projeto de investigação de doutoramento em design que examina os significados e a fenomenologia da percepção do 'novo'. *O que significa e pode significar uma coisa ser nova ou apresentar-se como 'nova', ou eu ser e sentir-me 'novo'?*

A primeira parte da investigação focou-se, portanto, na questão do 'novo', enquadrando-a na discussão sobre a realização prática de uma "inovação através de significados" (Norman e Verganti, 2012; Dawdy, 2017). Desse enquadramento emergiu o conceito de "novo-com-tradição" na investigação doutoral¹ (Menezes et al., 2022).

1.2. O Ciclo do Linho de Castelões

Para validar o conceito de "novo-com-tradição" entendemos aplicá-lo a um contexto real com vista a um processo de inovação com e através da tradição (ITT) (De Massis et al. 2016; Holmquist, Magnusson, e Livholts, 2019). Assim, a segunda fase consistiu no desenvolvimento de um trabalho de campo orientado para validar esse conceito num contexto real previamente identificado: a AmaCastelões – Associação das Mulheres Agricultoras de Castelões.

A AmaCastelões tem sede em Múceres, uma aldeia situada no sopé da serra do Caramulo, na freguesia de Castelões, concelho de Tondela. Representa um dos últimos territórios onde a totalidade do *Ciclo do Linho* pode ser observada e vivida.

Contudo, esse saber-fazer tradicional está sob forte ameaça de extinção pela evolução dinâmica das realidades da tecnologia, da fabricação, bem como das práticas de consumo (Oliveira, Galhano e Pereira, 1991). O "viés de recência" (Lipovetsky, 2010; De Massis et al., 2016), ou seja, a tendência para uma atração constante pela novidade, pode limitar significativamente o potencial de inovação, inibindo a plena realização do conhecimento passado – e da tradição. Contrariando essa tendência, instituída pela obsolescência planificada e implicada na moda e no *mainstream* para sobrevalorizar o "novo" em detrimento dos artefactos e dos saberes antigos, explora-se como a tradição se pode articular com uma estratégia de inovação, para gerar o "novo-com-tradição".

A tradição do *Ciclo do Linho* em Portugal e os seus fundamentos manuais representam uma incongruência palpável em relação aos padrões modernos de consumo, tanto da agricultura como da produção têxtil. Por seu lado, a sua iminente extinção inspira esforços de conservação que se estreitam na museografia ou, quando muito, na representação estilo "presépio", ou seja, em forma de um simulacro de "como era dantes". É claro que consagrar artefactos tradicionais e representações passivas de atividades passadas em museus pode ajudar a preservar a memória das práticas tradicionais. Não obstante, importa canalizar esforços para a compreensão e ativação dos valores subjacentes às práticas tradicionais que podem ajudar a mantê-las relevantes para as próximas gerações, permitindo contribuir para a sociedade e a cultura local de forma sustentável.

Os arranjos entre as forças do mercado e a tecnologia sob a divisa do progresso tiveram um impacto significativo na forma como os objetos são produzidos e consumidos. Por sua vez, a obsolescência programada impulsiona o crescimento industrial, exercendo uma pressão constante e desordenada sobre os fabricantes para que continuem a reinventar – em termos de identidade e prática (Cardoso, 2012).

Para a produção em pequena escala, especialmente nas indústrias tradicionais que dependem de processos manuais aprimorados ao longo dos séculos, uma falta de conformidade com os fundamentos do progresso condicionado, culmina na perda de autenticidade ou mesmo na suspensão total da prática. Isto ocorre porque os praticantes citam a insustentabilidade económica e assim não conseguem manter essas práticas por muito tempo.

Em culturas como a do *Ciclo do Linho* de Castelões, a manualidade do processo, a atenção ao detalhe e à qualidade, e a formação de vínculos sociais pelo ato de fazer, podem estar, na verdade, contrariando os interesses da comunidade. Neste contexto, surgem as perguntas:

- *"o que significa 'inovação' ou 'novo' em contextos nos quais é óbvia a falta de congruência entre as realidades local e global?"*
- *e, "como o questionamento das interpretações existentes poderá ajudar a sustentar a relevância contemporânea das práticas tradicionais, ao mesmo tempo que salvaguarda a sua autenticidade e o sentido de ser"?*

O significado atual de inovação e a sua relação com o design, muitas vezes nos impõe a melhoria e a reformulação recorrente do que existe, por vezes, imprudentemente, perante os paradigmas e preconceitos externos. Em resposta, defendemos que as categorias adicionais de significação pertencem especificamente às indústrias tradicionais, em que a "inovação com tradição" implica promover diálogos de longo prazo entre o design contemporâneo e o saber-fazer tradicional. Dessa forma, se permitiria aos artesãos e designers-artesãos definir seus próprios significados e narrativas sem serem pressionados a reinventar a sua individualidade de forma intermitente.

Uma ressignificação efetiva também pode garantir que objetos e processos tradicionais não sejam restritivamente classificados como peças culturais regionais (Woolley, 2010) e, adicionalmente, sejam identificados como caminhos testados ao longo do tempo para a construção de significado em contextos marginais e/ou desfavorecidos da sociedade e da economia contemporâneas.

¹ O caso de estudo *Ciclo do Linho* de Castelões é partilhado entre duas investigações doutorais com objetivos diferentes. Este artigo apresenta a investigação de Cristiane Menezes, DeCA – Universidade de Aveiro.

1.3. Caso de estudo: a AmaCastelões

Uma componente central da presente investigação está assente numa consolidação de metodologias com vista à inovação com tradição, designadamente a partir de uma imersão etnográfica no seio de uma associação que mantém vivo o Ciclo do Linho. Castelões é um dos últimos baluartes da confecção artesanal do linho em Portugal e a sua singularidade consiste no facto de que todas as etapas do processo de cultivo, transformação e confecção do linho podem ainda ser observadas. Esta dimensão é extremamente rara, e por isso preciosa, constituindo em si mesmo argumento para o investimento na preservação da sua prática tradicional. O conhecimento empírico subjacente a este processo é, portanto, complexo e delicado. As artesãs de Castelões possuem habilidades que vão desde a sementeira e colheita do linho (agricultura) até o tratamento das fibras (processamento da planta), da fiação à tecelagem e aos acabamentos (crochê, bordados, entre outros).

A Associação das Mulheres Agricultoras de Castelões foi criada há mais de vinte anos em decorrência de um curso de agricultura familiar em que as participantes resolveram pôr em prática o que aprenderam. Em meados de 2020 – quando o módulo etnográfico se iniciou – o grupo de artesãs resumia-se a quatro senhoras com idades entre os 69 e os 88 anos. Em janeiro de 2021, às quatro artesãs somaram-se duas investigadoras (Fig. 1).

Figura 1. Da esquerda para a direita: investigadora Luciana (U. Porto), Sra. Celeste, investigadora Cristiane (U. Aveiro), Sra. Manuela, Sra. Natividade e a Sra. Rosa.
Fonte: Arquivo da investigação.



Em Castelões, o linho ainda é produzido de forma totalmente artesanal, num processo que denominamos "da semente à toalha". O estudo de caso centrou-se na observação e na aprendizagem, pelas investigadoras, do saber-fazer tradicional do ciclo do linho. Com o desenvolvimento do estudo foram implementadas ações para valorizar os produtos locais, designadamente, compreender o espaço onde o produto nasce, sua história e suas qualidades relacionadas ao território e à comunidade; incorporar técnicas tradicionais, recursos naturais e habilidades artesanais nos produtos e serviços, em linha com a identificação dos "marcadores de identidade" territorial, descrito por Krucken (2009). Para além de uma oficina de tecelagem do linho, a sede da AmaCastelões é um espaço de reunião, de afetos, e cumplicidades.

Figura 2. Da esquerda para a direita: Sra. Manuela, investigadora Cristiane, Daniela, Irmã Palmira, Graça, Sra. Natividade, Sra. Prazeres, Sra. Manuela, investigadora Luciana, Sra. Manuela, Sra. Gracinda e Sra. Celeste.
Fonte: Arquivo da investigação.



Durante a participação ativa na investigação etnográfica tivemos a oportunidade de testemunhar com agrado o aumento significativo do número de associadas ativas (Fig.2), sendo estas mais jovens. Esta renovação significou também o abrir de uma nova esperança sobre o futuro da atividade.

2. Método

2.1. Para um design centrado-no-ser

A abordagem foi fundamentalmente influenciada pelo conceito de “design centrado-no-ser” (Dias, 2011), valorizando a dimensão fenomenológica referente a uma “qualificação da experiência tecnologicamente mediada”, com especial ênfase na aplicação dos princípios da teoria do “fluxo” inscritos na psicologia positiva de Csikszentmihalyi (1975). O fluxo, ou “experiência ótima”, é um conceito inspirado nas noções fenomenológicas de Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre (Csikszentmihalyi, 1990), podendo ser enquadrado numa ideia de “projeto de vida autêntico”.

Por sua vez, o contexto – e o lugar – é uma dimensão essencial para a problematização ontológica do design centrado-no-ser. Conforme enfatiza Heidegger em “Ser e Tempo” (1927), o ser humano é, necessariamente, um “*dasein*” (ser-aí). A existência implica necessariamente um “aí”, um lugar. Mas o lugar não se refere apenas a um espaço físico; também inclui o contexto cultural, social e histórico no qual o *dasein* está imerso, fornecendo a base a partir da qual se relaciona com o mundo e dá significado à sua existência.

Dessa forma, o sentido do design centrado-no-ser revela-se em projetos orientados para gerar ou potenciar novos modos de existência, que coloquem o *dasein* e as comunidades que o constituem em estreita ressonância com o espírito do tempo e do lugar.

Visando a valorização daquela atividade artesanal através de uma *autoetnografia*, a abordagem concentrou-se na observação participante em conjunto com atividades lideradas pelo design. Neste contexto, os objetivos são explorar caminhos sustentáveis para promover o sentido de identidade e pertença em torno do *Ciclo do Linho* de Castelões, assim como informar o entendimento do significado de novo-com-tradição dentro de contextos tradicionais vulneráveis.

2.2. Abordagem estratégica para o novo-com-tradição

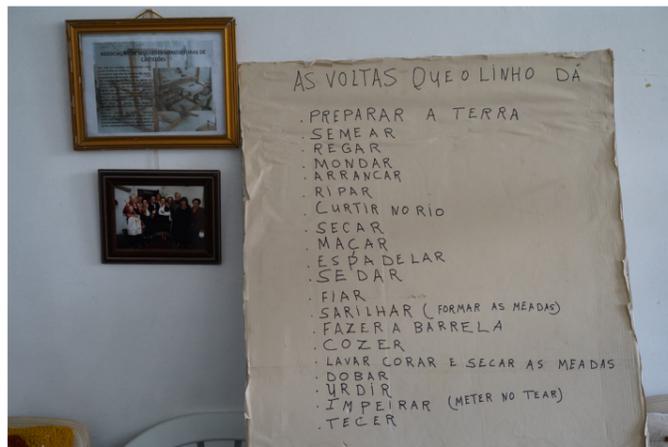
Na esteira de Gadamer (1960), acreditamos que a tradição não se reduz a um conjunto de crenças ou práticas estáticas e imutáveis. Pelo contrário, trata-se de um processo dinâmico e fluido em constante negociação, reinterpretado à luz de novas experiências e desafios.

Não obstante, reconhece-se que a relevância contemporânea das tradições ancestrais é amiúde questionada pelas novas gerações globalizadas, em geral sintonizadas com outras mundividências, preocupações e realidades. É, por isso, necessário recriar as condições – o contexto – para que uma “fusão de horizontes”, reclamada pela hermenêutica de Gadamer, se possa realizar.

3. Resultados

3.1. Documentação do processo

Figura 3. “As voltas que o linho dá”, cartaz escrito a próprio punho pela Sra. Celeste, com as etapas do ciclo do linho realizadas na AmaCastelões. Fonte: Arquivo da investigação.



Uma das primeiras ações da intervenção foi documentar as etapas do *Ciclo do Linho* (Fig. 3) que consiste em:

- preparar a terra;
- semear a linhaça;
- regar;
- *mondar* - retirar das ervas daninhas que nascem espontaneamente entre as plantas do linho;
- arrancar o linho;
- *ripar* as plantas para a retirada das sementeiras;
- põem-se os caules a curtir na água de um rio, de preferência;
- põem-se a secar;
- depois de secas é preciso *maçar* – ação que consiste em bater o linho com o *maço* de madeira rija e pesada sobre uma ampla laje lisa de pedra para expor todas as palhas;
- *espadelar* o linho - que é libertar as fibras têxteis das palhas fragmentadas;
- *sedar* é o processo pelo qual as fibras são passadas pelo *sedeiro* que é uma espécie de pente de aço que separa a fibra longa (linho) da fibra curta (estopa);
- fiar - em que se utiliza a roca e o *fuso*;

- *sarilhar* consiste em pôr em meadas o fio utilizando o *sarilho*;
- inicia-se o processo de branqueamento do fio ao se fazer a *barrela*;
- cozem-se as meadas em grandes painéis de ferro com água, cinzas e ervas;
- lavam-se as meadas com água corrente e sabão esfregando-as na pedra;
- as meadas são postas a corar ao sol;
- secar;
- a dobagem consiste em passar as meadas para novelos utilizando-se a dobadoira;
- *urdir* é preparar os fios para dispô-los no tear;
- *impeirar* é o processo de meter a teia no tear;
- para então iniciar o tecer (Oliveira, Galhano, e Pereira 1991).

A investigação conseguiu gerir um arquivo audiovisual que inclui as etapas do processo conjunto com materiais e ferramentas ligados ao *Ciclo do Linho*, e testemunhos das artesãs. Consequentemente, a partir desse resultado, foi produzido um documentário (Fig 4) sobre o contexto e os desafios associados (Menezes & Lopes, 2021).

Figura 4. Documentário “Da semente à toalha”. Autores: Cristiane Menezes e Luciane Lopes.



3.2. A renovação da AmaCastelões

O primeiro grande curso de ação para a intervenção foi encontrar um novo espaço de prática para a comunidade. Nesse sentido, mostrou-se oportuno pleitear pela utilização do edifício desabitado da antiga Escola Primária de Múceres, uma das aldeias mais antigas e emblemáticas de Castelões. A renovação do espaço só se revelou possível com o envolvimento e apoio diligente da Câmara Municipal de Tondela. Esta ação permitiu agregar esforços colaborativos para a regeneração criativa e econômica, bem como evocar e renovar o senso de comunidade.

A mediação liderada pelo design resultou também na criação participativa de uma nova identidade visual para a “AmaCastelões” (Fig. 5) que transmite um sentido renovado de ser, e se destina a ser aplicada nos materiais de comunicação relacionados com a associação.

Figura 5. Marca desenvolvida para a associação durante a investigação. Representação da flor do linho composta pelo desenho das sementes em movimento perpétuo. Fonte: Arquivo da investigação.



A palavra ‘Ama’, enquanto sigla para Associação de Mulheres Agricultoras (Fig. 4), evoca também o ‘amor’ pela terra – Castelões –, sentimento sem dúvida presente entre as associadas que justifica a união e a perseverança em manter vivo o ciclo do linho. Esta nova identidade visual foi utilizada pela primeira vez durante um encontro nacional em Lisboa, em maio de 2022, no qual as artesãs representaram Castelões e o município de Tondela. Também constitui a base para a divulgação da associação nos canais de mídia social desenvolvidos durante a corrente intervenção. Neste mesmo período, foram organizados um conjunto de eventos com entidades administrativas regionais e outras associações locais para debater coletivamente estratégias de sustentação da prática e deliberar sobre estruturas de apoio. Entre estes, realizaram-se reuniões com o diretor da Adices – Associação de Desenvolvimento Local –, com o presidente da Junta de Freguesia de Castelões e com o vice-presidente da Câmara Municipal de Tondela. Foi, ainda, organizada uma exposição dos produtos da AmaCastelões para dar a conhecer a relevância cultural da confecção do linho durante um evento local, a “Rota do Linho”, organizada pela Câmara Municipal de Tondela, onde mais de uma centena de pessoas estiveram presentes.

Por último, foram feitas experiências de tingimento de tecido (Fig. 6) e do fio do linho artesanal com produtos naturais, nomeadamente, com cúrcuma, feijão preto, chá de hibisco, casca de cebola, café, romã, amora e uva-de-rato (*Phytolacca americana* L.), que resultou nas cores: amarela, azul, rosa, bege e lilás.

Figura 6. Linho artesanal natural e tingido naturalmente com curcuma e chá de hibisco; processo de tingimento com a água do feijão preto e chá de hibisco.
Fonte: Arquivo da investigação.



Os tecidos coloridos serviram de inspiração para desenhar e produzir novos produtos, o que ampliou a diversidade de objetos da AmaCastelões, nomeadamente, bolsas de diferentes tamanhos, porta-óculos, porta canetas e porta-moedas (Fig.7).

Figura 7. Exemplos de protótipos iniciais para novos produtos: bolsa para telemóvel de linho artesanal, tingido naturalmente com romã, bolsa e portaóculos tingidos com curcuma.
Fonte: Arquivo da investigação.



As novas peças (Fig. 7) estiveram em exposição na FICTON 2022 (Feira Industrial e Comercial de Tondela), representando a associação, bem como a identidade do território através do linho e das artesãs detentoras do saber-fazer tradicional. De acordo com Krucken (2009), acreditamos que a visibilidade promovida por estas ações possa vir a “contribuir para a proteção do património cultural e a diversidade das culturas, sendo desse modo um fator de preservação da herança cultural que receberão os sucessores no uso do território”.

3.3. Trabalho em curso

Atualmente, assim como para o futuro da intervenção, estão em curso interpelações com diversos atores e partes interessadas, designadamente, associações, juntas de freguesia e autarquias locais, mas também com professores e alunos da Universidade de Aveiro que já tiveram a oportunidade de entrar em contacto com o processo.

A respeito da reativação e difusão do conhecimento que está encapsulado no ethos do contexto do ciclo do linho em Castelões, estes incluem:

- oficinas do linho, abertas tanto a especialistas como ao grande público, em torno das várias etapas da sua produção e tecelagem;
- ‘Laboratórios de Verão’ organizados pela Universidade de Aveiro (uma experiência-piloto está confirmada para julho de 2023), voltados especificamente para a investigação, desenvolvimento e comunicação de novos produtos;
- programação de eventos com o envolvimento da comunidade para a transferência de conhecimento intra-ecossistema para uma base de prática crescente;
- desenvolvimento de materiais curriculares sobre o *Ciclo do Linho* para escolas primárias e secundárias, e outras instituições educacionais.

4. Conclusões

Na fase inicial do módulo etnográfico, o estudo concentrou-se principalmente na observação participante para compreender o ethos circundante, incluindo os elementos e/ou fatores sociais, culturais, industriais, ecológicos e processuais que não apenas distinguem a prática, mas também mantém uma influência direta para o seu estado atual e continuidade prospectiva. A investigação enfatizou a ideia de uma visão compartilhada e tem sido particularmente sensível à criação de relações entre o design e o fazer tradicional, que resulte numa *fusão de horizontes intergeracional entre os diversos participantes*.

A investigação refletiu sobre a valorização da antiguidade e da tradição como um caminho para alcançar a inovação e se tal exigiria uma reavaliação do significado aceite do termo, especialmente em contextos em que as interpretações modernas fizeram um ingresso limitado ou são claramente incompatíveis. Acredita-se ser possível encontrar formas de inovação por via da reinterpretção da

tradição mas, para tal, é necessário despertar os designers para interagir com a antiguidade e tradição, encarando-as como oportunidades para novas interpelações do fazer e não como obstáculos à inovação.

Dessa forma, o novo-com-tradição é um conceito pertinente, no qual o novo não entra em ruptura com o passado, e que assenta necessariamente na interpretação da tradição como um processo dinâmico em aberto, resultando na fusão de horizontes entre os participantes. Por sua vez, a criação das condições para a ocorrer esta fusão é uma tarefa que exige tempo, continuidade, e persistência, e está dependente do envolvimento da comunidade.

Neste quadro, podemos afirmar que a intervenção na AmaCastelões se revela fundamental para a compreensão do novo-com-tradição em contexto de práticas tradicionais. Deste modo, concluímos que este conceito poderá informar o desenvolvimento de uma metodologia com vista à promoção da sustentabilidade cultural e económica. Acreditamos que esse processo poderá resultar na ressignificação da antiguidade e subsequente valorização de uma nova geração de produtos, abertos a novos usos, em diálogo com a tradição.

Agradecimentos

Esta investigação está em desenvolvimento no Programa Doutoral em Design, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, e no Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+). O projeto é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., ao abrigo da bolsa de estudo PD/BD/150542/2019. Câmara Municipal de Tondela, Junta de Freguesia de Castelões, AmaCastelões e a todas as artesãs de Castelões.

Referências

- ANGROSINO, M. (2012). *Etnografia y observación participante en investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1975). *Beyond Boredom and Anxiety: Experiencing Flow in Work and Play*, San Francisco: Jossey-Bass.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1990). *Fluir – A Psicologia da Experiência Ótima*. Lisboa: RelógioD'Água, 2002, (edição original: 1990)
- CARDOSO, R. (2012). *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify.
- DAWDY, G. (2017). *Bang & Olufsen C1 Sound System: Radical Innovation Through Meaning Driven Design*. [Tese de mestrado]. TUDelft. <http://resolver.tudelft.nl/uuid:c3d4d09a-d665-46ec-b3be-0dfd58c5eb94>
- DE MASSIS, A., FRATTINI, F., KOTLAR, J., PETRUZZELLI, A. M., E WRIGHT, M. (2016). *Innovation through tradition: lessons from innovative family businesses and directions for future research*. *Academy of Management Perspectives*, 30(1), 93–116. <http://www.jstor.org/stable/43822139>
- DIAS, N. (2011). *Do design de interação ao design da experiência tecnologicamente (i)mediada*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Aveiro.
- DIAS, N. (2015). *Para um design centrado no ser*. In SANTA-ROSA, J.G. (org.) – *Facetas e Aplicações do Design Centrado no Usuário*. Rio de Janeiro: Riobooks, pp 11-26. ISBN 978-85-61556-86-0.
- FERNANDES, A. (1999). *Fiar e tecer. Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- GADAMER, H.G. (1960). *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1960.
- GOMES, A. J. (2018). *Almalaguez: Tecer o Futuro Com Os Fios Do Passado*. [Tese de Doutoramento]. Universidade do Porto.
- HEIDEGGER, M. (2006). *Ser e Tempo*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes (edição original: 1927)
- HOLMQUIST, A., MAGNUSSON, M., E LIVHOLTS, M. (2019). *Reinventing Tradition: Exploring the Creation of New Meaning through Innovations Involving Craft-Based Design*. *Creativity and Innovation Management*, 28 (1), 124–37. <https://doi.org/10.1111/CAIM.12297>.
- KRUCKEN, L. (2009). *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel.
- LIPOVETSKY, G. (2010). *O império do efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. (2.ª ed.) Alfragide: Dom Quixote.
- MENEZES, C.; CHATTERJEE, A.; DIAS, N. E BRANCO, V. (2022). *Design for Innovation with Tradition: Towards a 'New' Cycle of Linen-Making*. Em ECADE2022 Programme & Abstract Book. Porto. <https://issuu.com/iafor/docs/ecade-programme-2022>
- MENEZES, C., & LOPES, L. (Realizadores). (2021). *Da semente à toalha* (H. Cavalcante, Ed.). <https://www.youtube.com/watch?v=-iLpb3G-jg>
- NORMAN, D. A., E VERGANTI, R. (2014). *Incremental and Radical Innovation: Design Research vs. Technology and Meaning Change*. *Design Issues*, 30(1), 78-96.
- OLIVEIRA, E.; GALHANO, F.; E PREREIRA, B. (1991). *O Linho: tecnologia tradicional portuguesa*. (2.ª ed.) Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia INIC.
- VERGANTI, R. (2012). *Design driven-innovation. Mudar as regras da competição: a inovação radical dos significados*. São Paulo: Canal Certo.
- WOOLLEY, A. W., CHABRIS, C. F., PENTLAND, A., HASHMI, N., E MALONE, T. W. (2010). *Evidence for a Collective Intelligence Factor in the Performance of Human Groups*. *Science*, 330(6004), 686–688. <https://doi.org/10.1126/science.1193147>